**FOGO MORTO¹**

 Louremar Vieira Alves **²**

 Marineis Merçon **³**

**1 DESCRIÇÃO DO CASO**

No ano de 1943, o escritor José Lins do Rego publica o romance Fogo Morto. É uma obra literária que mostra a decadência da economia açucareira no Nordeste do Brasil.

O relato mostra a realidade dos engenhos, construídos à base da mão de obra escrava. O escritor mostra casos individuais onde pontua o conflito entre personagens. Os protagonistas são: José Amaro é um fazedor de selas, pobre e orgulhoso; Vitorino Carneiro da Cunha, apelidado de papa-rabo, é um arremedo de herói; Coronel Lula de Holanda é um senhor de engenho, sem ação, sem o respeito da comunidade e decadente.

O romance é ambientado na Paraíba e dividido em três partes. Cada uma delas recebe como título o nome de um dos protagonistas. A primeira parte da narrativa gira em torno de José Amaro. Sentado na porta da sua casa, ele conversa com as pessoas que por ali passam. Vive numa casa pobre com sua mulher e sua filha. Marta, a filha, tem devaneios. No afã de vê-la curada, no auge do desespero como pai, José Amaro dá uma surra na filha e a conduz à loucura.

José Amaro vive de favor no terreno do engenho Santa Fé. Mantém contato com o bandoleiro Antonio Silvino. Essa relação o leva a ser espancado pela polícia. No transcorrer da narrativa é intimado a abandonar o local onde vive. Desprezado pela mulher, com a filha doente e humilhado pelo espancamento sofrido termina por se suicidar.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

1 Case apresentado à disciplina de Português II, da Unidade de Ensino Superior Dom Bosco – UNDB

2 Aluno do 2º Período, do Curso de Direito – 2º Período 2013.1 – Turma A1

3 Professora, Esp.

A segunda parte da obra de José Lins do Rego remete ao passado. Conta a história do engenho Santa Fé construído pelo Capitão Tomás Cabral de Melo. Homem duro e trabalhador tinha o orgulho de ter dado estudo para as filhas. Olivia e Amélia estudaram em Recife. Olívia terminou por enlouquecer. Amélia voltou como uma moça prendada e casou-se com Luis Cesar de Holanda Chacon, o Lula de Holanda.

O homem, que se mostrou educado, de voz mansa, no primeiro momento, depois da morte do Capitão Tomás, Lula tentou se apropriar do engenho Santa Fé. A pendenga dele com a sogra foi parar na Justiça que deu ganho de causa para a sogra, dona Mariquinha. Daí em diante, Lula passou a isolar a sogra da neta, certo dia após uma discussão dos dois, dona Mariquinha adoeceu e morreu dias depois.

Se Lula já tinha mostrado sua verdadeira personalidade, depois da morte da sogra isso se evidenciou para todos. Passou a dar ordens para castigar seus escravos por qualquer motivo. Mesmo se tornando o dono do engenho, não conseguiu administrar o empreendimento de forma a manter a prosperidade. Somou-se a isto, o advento da Abolição da Escravatura que terminou por deixar as propriedades sem a mão de obra dos negros que trabalhavam sem receberem nada por isso.

O Capitão Vitorino é o foco da terceira parte da narrativa de Lins do Rego. Era compadre de José Amaro e estava sempre pronto a lutar por justiça, sempre se posicionando contra os donos da terra e do lado dos humildes. É um homem destabanado nas suas pretensões de ser o legítimo defensor dos oprimidos. Ele se posiciona contra os desmandos da polícia, a violência dos cangaceiros e a prepotência dos senhores rurais.

**2 IDENTIFICAÇÃO E ANÁLISE DO CASO**

Fogo Morto, mais do que um drama, é um romance regionalista que expõe em minúcias o dia a dia de uma parte do Nordeste brasileiro. O escritor não usa elementos de intervenção divina, nada fantástico. Sua linguagem é realista e descreve os tipos nordestinos, com suas características.

Os três personagens principais denotam o imenso conflito que os consome e a relação difícil com o mundo.

Em José Amaro, vemos um homem machista, orgulhoso, cheio de mágoa e que não aceita ser dominado. Vê no cangaceiro Antonio Silvino uma forma de potencializar essa sua revolva com a classe dominante. Seu comportamento recluso fomenta a personificação, pela língua do povo, na lenda do lobisomem.

O coronel Lula de Holanda também demonstra o lado machista quando tenta indevidamente se tornar dono do engenho Santa Fé, por ocasião da morte do seu sogro, o Capitão Tomás. Por ser o único homem da família, se achava detentor de todos os direitos. O juiz deu a decisão favorável à dona Mariquinha e isso fez com que Lula passasse a considerar o magistrado como um inimigo. No trato com os escravos dá-se a mais pura demonstração de dominação. A primeira providência de Lula é minar os traços culturais dos negros, proibindo-os de rezarem para São Cosme e São Damião. Obriga os escravos a rezarem a Ave-Maria todas as tarde. Além disso, impõe castigos diários aos escravos que, amarrados ao tronco, são surrados sob qualquer pretexto.

Lula de Holanda é temido e mal falado em toda a região. Com toda a índole de pessoa ‘sem coração’, no dizer da sogra Mariquinha, as pessoas não veem nele um homem mais perigoso do que o pobre José Amaro. Basta ver que é ao seleiro pobre e sem maldade que é imposto o rótulo de ‘lobisomem’. Talvez as pessoas prefiram agir como o cônego Frederico que ignorou um ataque epilético de Lula de Holanda. O homem caiu tremendo e babando aos seus pés dentro da igreja e o cônego continuou o seu ofício.

**3 A violência social**

A temática da violência é bem clara na obra. A violência institucional. O Estado, que deveria agir para prevenir a violência, para pacificar os conflitos, age de forma contrária e elege principalmente os pobres na hora de por em prática o controle social via encarceramento.

José Amaro, ao negar se curvar às ordens dos senhores de engenho evidencia o que pensa grande parte da comunidade. Os coronéis Lula de Holanda e José Paulino são vistos por ele como homens arrogantes e orgulhosos que usam da força nas relações em sociedade.

Esse não reconhecimento da legitimidade dos poderes constituídos, se dá principalmente por conta da violência institucional. Daí a justificativa de José Amaro para eleger como seu herói o cangaceiro Antonio Silvino com quem passa a colaborar secretamente.

Não nos custa observar que na obra há pouca distinção entre polícia e bandido, quando à forma de comportamento. Assemelham-se em muito. O tenente Maurício, chefe da política abusa da violência, implanta o terror através da ameaça a todos. Capitão Antonio Silvino, cangaceiro e que age ao arrepio da lei, não é diferente.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BARBOSA, Frederico. **Fogo Morto - José Lins Do Rego**. Mundo Vestibular, São Paulo, nov. 2012. Disponível em: <<http://www.mundovestibular.com.br/articles/2437/2/FOGO-MORTO---Jose-Lins-do-Rego-Resumo/Paacutegina2.html>>. Acesso em: 10 maio 2013.

REGO, José Lins do. **Fogo Morto**. São Paulo: José Olympio, 1943.